

Uma História da Filosofia

30 Thomas Hobbes

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Muito bem, então, Thomas Hobbes. E vocês devem ter notado que quero apresentar Hobbes falando sobre suas motivações. E, no caso de muitos filósofos, isso é importante, mas acho que é particularmente relevante em Hobbes.

Passei todo o meu tempo de pesquisa e leitura deste semestre lendo exclusivamente Bacon e Hobbes e materiais secundários sobre eles. E quanto mais me aprofundo na literatura de Hobbes, mais percebo que sua motivação molda não apenas o que ele pensa, mas também como ele expressa suas ideias. Observe que ele nasceu em 1588.

E qualquer um de vocês que esteja familiarizado com a história inglesa talvez saiba que esse é o dia da Armada Espanhola. Aliás, ele relata em um trecho que nasceu prematuramente porque sua mãe ficou apavorada ao avistar a Armada, o que é uma maneira bastante problemática de vir ao mundo. E vivendo como viveu até o início do século XVII, ele presenciou a Guerra Civil Inglesa na década de 1640.

Em meio àquela turbulência política, ele manteve suas simpatias pela monarquia, mas se opôs ao direito divino dos reis, que era, naturalmente, a base invocada para a autoridade absoluta do monarca. Assim, sem essa base para a autoridade, ele se viu diante da questão: qual seria a base para a autoridade política, senão essa? Além disso, ele vivenciou conflitos, a guerra com a Espanha e a Guerra Civil Inglesa. Convenceu-se de que os seres humanos não são, por natureza, ao nascerem neste mundo, preparados para viver em sociedade.

De alguma forma, precisamos encontrar uma base para estabelecer a lei, a ordem e a paz em uma condição natural que, como ele mesmo diz, é a guerra de todos contra todos. A condição natural do homem é tal que a vida é desagradável, curta e brutal. Bem, ele tem uma visão pessimista da natureza humana, uma visão pessimista da condição humana.

Portanto, ele não só precisa de uma base para a autoridade política, como também de uma base sobre a qual a ordem social, um certo grau de harmonia e, certamente, a autopreservação sejam possíveis. Some-se a isso os conflitos religiosos, conflitos religiosos que estavam na base tanto da guerra com a Espanha quanto do conflito com a monarquia na Guerra Civil. As simpatias de Hobbes estavam com o que às vezes é chamado de Igreja Ampla, a tradição latitudinarista na Igreja Anglicana da época.

E nessa igreja abrangente, havia uma tentativa constante de evitar conflitos religiosos, de evitar a autoridade eclesiástica que pudesse ser fonte de perseguição às minorias. Ele queria evitar o sectarismo. Agora, lembre-se de que o tipo de vácuo de autoridade, o vácuo epistemológico deixado pelo colapso da síntese medieval e pela Reforma Protestante, parecia estar levando precisamente a conflitos sectários, a um tipo de individualismo intolerante com os outros.

E Hobbes estava extremamente ansioso para evitar isso. Assim, nessa ampla tradição da Igreja, sua visão das relações entre Igreja e Estado era essencialmente erastiana. Ou seja, além dos mínimos básicos de uma fé cristã muito ampla que afirmasse a divindade de Cristo, sua obra de redenção, além de fundamentos desse tipo, ele se contentava em deixar para as autoridades a decisão sobre o que deveria ser afirmado pela Igreja.

Portanto, uma igreja estatal, uma igreja estatal na qual a autoridade governamental estabelece os detalhes, em vez de deixá-los a cargo de indivíduos e de disputas sectárias, que só podem perturbar a paz, causar caos, produzir anarquia e assim por diante. Ora, é nesse contexto de conflito político, de conflito religioso, de violência, e dessa atitude erastiana de relação entre Igreja e Estado, que Thomas Hobbes aborda sua obra filosófica de forma bastante independente da filosofia pela qual é famoso. Ele próprio era uma figura renascentista, muito interessado em Platão, tendo realizado comentários e traduções de obras platônicas.

Ele fez parte do Renascimento inglês. Foi, por um tempo, secretário de Francis Bacon e certamente apreciava a abordagem empírica e indutiva de Bacon à ciência. Mas não estava totalmente satisfeito com isso.

Portanto, motivo e método são ambos necessários para entender o que ele está fazendo. Ele considerava os métodos indutivos de Bacon simplistas. Essencialmente, tudo o que Bacon está fazendo é definir certas conjunções constantes, como elas vêm a ser chamadas posteriormente, certas regularidades que podemos utilizar nas aplicações do conhecimento científico.

Mas isso não fornece uma compreensão teórica abrangente que possa servir de base para quê? Para uma visão do ser humano, do comportamento humano e da ordem política. Então, de alguma forma, ele quer fazer a transição da ciência empírica para o desenvolvimento de uma ética e uma filosofia política. E como ele vai fazer isso? Bem, ele encontra sua pista no método científico que remonta a Galileu.

Eu ia dizer que foi desenvolvido por ele, mas não tenho certeza. Mas pelo menos remonta a Galileu. O método de reconstrução, como é chamado.

O método de reconstrução. Ou seja, se ao analisar processos naturais, objetos físicos, corpos humanos, dissecamos, analisamos, isso não basta. O que precisamos fazer é reconstruir nossas descobertas em uma ordem inteligível e racional.

Assim, a partir das generalizações amplas da ciência empírica, podemos proceder dedutivamente para tirar outras conclusões. Essencialmente, o que ele está propondo são premissas empíricas. Generalizações empíricas como premissas.

Premissas empíricas, seguidas de inferências dedutivas para conclusões adicionais. Assim, o esquema geral resultante tem a forma lógica de um sistema dedutivo, como encontramos na matemática e na geometria, por exemplo. Ora, foi nesse aspecto que Hobbes ficou impressionado com Descartes.

Como já mencionamos, e veremos mais adiante, Descartes queria fazer filosofia usando o método da matemática. Portanto, seu ceticismo inicial é simplesmente uma estratégia metodológica, que lhe permite identificar e descartar tudo o que, mesmo em princípio, possa ser questionado. Assim, ele pode identificar o que é completamente indubitável, indiscutível, completamente axiomático e autoevidente.

Assim, Descartes queria começar, por assim dizer, com axiomas, à semelhança de Euclides, e proceder dedutivamente ao desenvolvimento do seu sistema. Ora, Hobbes não é um racionalista que acredita em conhecimento a priori axiomático. Hobbes é um empirista.

Portanto, ele não pode começar com axiomas; precisa começar com generalizações indutivas. Mas é o método dedutivo de Descartes que o impressiona. E assim ele o incorpora a esse método reconstrutivo, do tipo que aparentemente encontrou em Galileu.

Então você tem esse tipo de abordagem metodológica. Agora, adicione a isso mais uma suposição metodológica. Uma suposição que colocarei aqui porque se aplica a todo o método.

Uma premissa do naturalismo metodológico. Ou seja, partiremos do pressuposto de que tudo pode ser explicado em termos de processos causais naturais. A premissa é que tudo é explicável em termos de processos causais.

Causa e efeito, causa e efeito, causa e efeito. E é por essa razão que existe uma unidade metodológica em todas as ciências. Os métodos que foram inicialmente aplicados à física e à astronomia serão aplicados à psicologia e à política.

Entende? Assim, há uma continuidade metodológica do começo ao fim. Agora, para ver o quão a sério ele leva isso, dê uma olhada na antologia. Sim, a nova antologia.

Página 87. Página 87. Onde você percebe que o título do capítulo aborda diversos assuntos de conhecimento.

Certo, todo o escopo do conhecimento. E observem esse gráfico magnífico. Onde o assunto abrangente no extremo esquerdo, a ciência, é o conhecimento das consequências, que é chamado de filosofia.

Como comentamos ontem, ou melhor, na última vez, ciência e filosofia são praticamente sinônimos até por volta de 1900. Ciência significa um tipo de conhecimento teórico, simplesmente isso. Ou seja, conhecimento das consequências.

De quê? Causa, efeito, consequências. Certo. Mas aí ele divide todo esse conhecimento em duas partes.

As consequências dos acidentes dos corpos naturais, chamadas de filosofia natural, é o que chamaríamos de ciência natural. E as consequências dos acidentes dos corpos políticos, o corpo político, que chamamos de política ou filosofia civil. Agora, se você observar o escopo da filosofia natural, vá direto para a coluna da direita e note que ela vai da filosofia primordial, que é o conceito básico do ser, à geometria, aritmética, astronomia, geografia, em outras palavras, matemática.

Depois, nos dedicamos às ciências físicas, à mecânica e suas aplicações na engenharia, arquitetura, navegação e meteorologia. À sciografia, o que chamaríamos de astronomia, e depois à astrologia, a influência dos astros. Isso é algo interessante do nosso ponto de vista.

Mas óptica, música, sim, a física da música. Ética, sim, relacionada às paixões humanas. Em outras palavras, ele vê causas psicológicas para comportamentos e desejos morais.

Certo. Poesia, retórica, lógica e a ciência do justo e do injusto. Sim, essas são as consequências da fala, das coisas que fazemos com a fala.

Ah, nós não apenas agradamos, como o cavalheiro renascentista agradava sua dama com poesia. Se você conhece a literatura renascentista, verá. Não apenas agradamos, mas também persuadimos; a persuasão tem funções, ou seja, causa e efeito.

Raciocínio, sim, preste atenção nisso quando falarmos sobre raciocínio daqui a pouco. É um processo de causa e efeito. É controlado por processos cerebrais.

E a ética, uma consequência de alguns processos causais psicológicos. Então, tudo isso tem a ver com causa e efeito. E quando você olha para a segunda divisão, onde

você está lidando com corpos políticos, bem, aí você tem consequências da instituição das comunidades políticas.

Note que o termo "commonwealth" foi usado por Oliver Cromwell para se referir à forma de organização política que ele estabeleceu: o "commonwealth cromwelliano". "Commonwealth" significa bem comum.

Assim, a filosofia civil, a filosofia política, não se ocupa do indivíduo, mas do bem comum. E das consequências disso para os deveres e direitos, e, portanto, para a legislação, e assim por diante. A distinção, então, é simplesmente entre corpos individuais, de natureza física, e corpos políticos.

Mas, do começo ao fim, trata-se de causa e efeito, causa e efeito, naturalismo metodológico. Ora, isso levanta a interessante questão, naturalmente, de saber se ele não é apenas um naturalista metodológico, mas também um naturalista filosófico. Será ele, metafisicamente, um materialista? Já que tudo o que ele vai investigar é, na prática, a matéria e as forças que causam mudanças nos corpos materiais.

Matéria e movimento, a visão mecanicista. Essa é a ciência. Mas será ele, então, um materialista? Bem, essa é uma boa pergunta.

Tão boa quanto a pergunta: ele é realmente um determinista? Ou está apenas investigando os processos causais? Sim, senhor. Estou inclinado a pensar que ele é um materialista. É.

Bem, parece haver indícios de que, embora ele diga que é natural acreditar em Deus, porque temos que questionar a causa de todas as outras causas, a existência de Deus como a causa primeira, por outro lado, a razão nada diz sobre a natureza de Deus. Por causa e efeito, não podemos argumentar nada sobre a natureza de Deus, a não ser que existe essa poderosa causa primeira. E ele parece indicar que considera Deus, em certo sentido, um ser material.

E, claro, essa tradição remonta aos estoicos, não é? A ideia de um ser material rarefeito que permeia tudo, influencia tudo, esse tipo de coisa. Nesse caso, Thomas Hobbes pareceria ser uma espécie de materialista teísta, um materialista cristão. Da mesma forma, em sua visão da alma humana.

Bem, algo disso já existia em Tertuliano, você se lembra, que se baseou na filosofia estoica ao tentar resistir ao dualismo gnóstico da época. Em Thomas Hobbes, da mesma forma, e ocasionalmente, encontramos algo semelhante. Mas, ao mesmo tempo, a influência do cristianismo continua a aparecer em todo o seu pensamento.

Então, se você olhar para a página 90, observe o que ele diz. A segunda coluna na página 90, na metade. A curiosidade, ou o amor pelo conhecimento das causas, leva o homem da consideração do efeito para a busca da causa, e para a compreensão da causa dessa causa, até que, necessariamente, ele chegue a este pensamento, por fim, de que existe alguma causa da qual não há causa anterior, mas que é eterna, a qual os homens chamam de Deus.

Portanto, é impossível fazer qualquer investigação profunda sobre as causas naturais sem ser inclinado a acreditar que existe um Deus eterno. E, no âmago da questão, pelas coisas visíveis do mundo e sua admirável ordem, pode-se conceber que haja uma causa para elas, a qual os homens chamam de Deus. As coisas visíveis da criação ...

Lembre-se da frase que Paulo usa em Romanos 1. Mas então, no versículo 91, no final do primeiro parágrafo completo, ele diz: "esse medo das coisas invisíveis, causas invisíveis como Deus, esse medo das coisas invisíveis..." Lembre-se de que esse é um tema recorrente em Lucrécio e Epicuro, em seu materialismo. Esse medo das coisas invisíveis é a semente natural da religião. Ora, essa frase, a semente da religião, o latim **semen religionis**, é a mesma usada por João Calvino nos capítulos iniciais de suas Institutas da Religião Cristã para explicar a crença generalizada em Deus.

Existe em nós algo como uma semente de religião em virtude de um sentido indefinido de divindade. Há um *sensus deitatis*, o sentido de uma divindade, que é a semente da religião. Agora você vê o que Hobbes está fazendo, essencialmente discorrendo sobre essa crença.

Na verdade, ele foi criado por causa da morte de seus pais; foi criado por um clérigo anglicano calvinista. Portanto, certamente estava familiarizado com o modo de pensar de Calvino. E o que ele parece estar dizendo, então, é que essa investigação causal leva a uma vaga ideia de uma causa primeira, algum senso de divindade, que por sua vez é a causa do desenvolvimento da religião, na qual, naturalmente, religiões específicas desenvolvem o conceito de Deus de forma muito mais completa.

Assim, uma concepção geral e indefinida de Deus se materializa nas religiões às quais esse senso universal de uma divindade de algum tipo dá origem. E, portanto, no início do capítulo seguinte, intitulado "Sobre a Religião", ele afirma: "Visto que não há sinais nem frutos da religião, senão no homem, não há motivo para duvidar de que a semente da religião está somente no homem e consiste em alguma qualidade peculiar ou em algum grau eminente dela não encontrado nos seres vivos". Esse tipo de investigação, essa curiosidade, o leva a refletir sobre a condição natural dos seres humanos, que daria origem a isso.

E então ele passa a falar sobre a condição humana. Esse é o padrão de motivação, o método envolvido no trabalho de Hobbes. Alguma pergunta? Entrem.

Acho esse contexto fascinante, absolutamente fascinante. Ah, com certeza. Aliás, há um escritor que considera esse o motivo principal, o motivo principal.

Alguns até disseram que ele escreveu o *Leviatã*, a principal obra sobre pensamento político. Ele o escreveu no exílio durante a era Cromwelliana. Escreveu-o no exílio numa tentativa de fazer as pazes e salvar a própria pele, tanto com Cromwell quanto com os Stuarts.

Sim, senhor? Aqui está ele, tentando jogar dos dois lados. É, é. De Bacon, ele herda a abordagem indutiva para compreender a ordem causal, o que Bacon chamava de formas em seu sentido de formas.

É claro que os padrões afetam os relacionamentos. Ele herda de Descartes e Galileu o ideal do sistema dedutivo. A isso, acrescenta seu naturalismo metodológico, essa generalização, de que tudo é explicável nesses termos.

E lá vai ele. Justo, esses três ingredientes. Muito bem, mas como isso funciona na prática? E você precisa abordar isso, antes de tudo, em termos de sua epistemologia.

E isso pode ser facilmente constatado na antologia. A maneira como ele nos conduz por todo o processo de origem e desenvolvimento do pensamento humano, começando pela sensação. E, considerando o que eu disse sobre o método, é óbvio que ele vai começar por aí.

Primeiro, ele é um empirista. Mas se ele estiver interessado em mecanismos de causa e efeito, então a primeira consciência que temos, a partir da qual podemos começar a falar... As causas da ansiedade são as nossas sensações físicas. As sensações físicas são causadas por algo físico no mundo externo.

Assim, ele vê todas as nossas sensações como efeitos, no eu humano, de processos físicos do mundo externo. Ou seja, particulares, e enfatizo "particulares" porque ele será um nominalista. A influência de Occam é explícita em Hobbes.

Certo? Objetos específicos possuem qualidades específicas que causam alterações em nossos órgãos sensoriais, no sistema nervoso e no cérebro, e esse estímulo produz respostas reflexas do que ele chama de coração. Sabe como seu coração acelera com o estímulo apropriado? Respostas produzidas pelo coração em pensamento ou ação manifesta, ou ambos. Portanto, ele tem uma explicação puramente causal na qual nossas sensações, nossas imagens que ele chama de fantasmas, são estados mentais com qualidades sensoriais.

E esses fantasmas envolvem a consciência tanto de qualidades primárias quanto de qualidades secundárias. E essa distinção torna-se crucial a partir deste ponto no empirismo. Qualidades primárias são as qualidades que os objetos e os corpos possuem.

Ora, na ciência mecanicista daquela época, que seria a ciência newtoniana, quais seriam as propriedades intrínsecas dos objetos físicos? Bem, como é a matéria? A matéria possui propriedades espaciais: tamanho, forma, densidade, peso e propriedades de ocupação espacial. E, conseqüentemente, essas são as qualidades primárias.

Mas essas qualidades primárias, as qualidades que os corpos possuem, têm a capacidade de produzir efeitos adicionais na consciência, de modo que vemos não apenas formas, mas formas coloridas. Não apenas uma superfície, mas sentimos uma superfície áspera ou lisa. Não apenas um corpo que se move de um lugar para outro, mas também emite sons em nossa consciência.

Assim, as qualidades secundárias são as qualidades que dependem dos nossos cinco tipos de capacidades sensoriais. Cor, relacionada à visão. Som, relacionado à audição.

Textura, relacionada ao tato. Paladar e olfato. Os cinco sentidos.

Ora, o que ele quer dizer é que, quando falamos de uma camisa colorida, por exemplo, minha camisa azul, imaginamos que ela seja azul, mas a camisa não é azul. Na verdade, a camisa faz com que você veja azul. Ela parece azul para você, mas não é azul.

Certo? Estamos falando sobre o que ficou conhecido como a subjetividade das qualidades secundárias. A objetividade das qualidades primárias. É isso que vai possibilitar, quando chegarmos a Berkeley, que Berkeley diga: "A árvore que cai na floresta quando não há ninguém por perto para ouvir faz algum barulho?" Porque se o barulho é uma qualidade secundária, ele é subjetivo.

Há algum ruído? Como ruído quando não há ninguém para ouvi-lo? Ninguém em quem as ondas sonoras se registrem na consciência. Então, a sensação é o início de tudo. Agora, após a cessação da causa, você para de olhar para minha camisa, mas ainda tem uma imagem mental dela.

Isso é simplesmente o produto de processos de deterioração, alterações nos órgãos dos sentidos e no cérebro. É o que ele chama de imaginação. Observe que o termo imaginação, neste ponto, nada mais é do que ter imagens mentais.

Ter imagens mentais. A ideia de imaginação como criatividade só surge com o Romantismo, no século XIX. Isso começa com pessoas como Kant, mas não aparece no Iluminismo.

A imaginação nada mais é do que imagens remanescentes, que desaparecem, se confundem, se misturam umas com as outras, como a imagem que tenho de uma girafa fada com asas de borboleta, que mistura todos os tipos de outras imagens em decomposição. Então, essa é a imaginação. Operante quando estamos acordados, quando nos lembramos de algo e a imagem nos vem à mente.

Ou durante o sono, quando sonhamos com algo muito vívido . Tudo isso são imagens sensoriais em decomposição. E ele parte disso para o que chama de razão.

Raciocínio. O que é raciocínio? Bem, no nível consciente, o raciocínio é simplesmente um processo onde uma ideia é seguida por outra. Se eu digo que 2 mais 2 é igual a... Bem, esse processo acaba dizendo 4. 2 mais 2 é igual a 4. Mas, veja bem, esse processo mental consciente é causado pela atividade cerebral.

O cérebro, de alguma forma, combina o que deve ser combinado e separa o que deve ser separado. Portanto, é em virtude de processos causais que o estímulo causal de 2, seguido por um estímulo causal adicional de 2, produz um estímulo causal para a ideia de 4. Assim, esse raciocínio é inteiramente um processo determinado por causas cerebrais. Certo? Causas cerebrais.

Não temos como originar ideias porque a consciência é inteiramente um subproduto dos processos cerebrais. Portanto, não existem ideias inatas na consciência. Não existe conhecimento a priori independente dos processos de causa e efeito que produzem a sensação.

E assim se estabelece seu empirismo puro. Mas e a linguagem? E a linguagem? Aqui é onde o nominalismo se torna explícito. Porque ele afirma, sem rodeios, que as palavras são apenas signos particulares que representam grupos de coisas particulares .

Assim, em sua obra, não no *Leviatã*, mas em *Os Elementos da Filosofia*, ele afirma que a universalidade de um nome, um nome que se aplica a toda uma classe de coisas, tem sido a causa de os homens pensarem que as coisas em si mesmas são universais. Mas é evidente que não há nada universal além de nomes que são chamados de indefinidos, substantivos indefinidos. Porque não os limitamos, mas os deixamos para serem aplicados pelo ouvinte.

Mas "universal" é apenas um nome específico que se aplica a um grupo inteiro indiscriminadamente. Aplica-se a um grupo inteiro indiscriminadamente. E ele é muito, muito claro quanto a isso.

Ele afirma que não existem nomes abstratos. Portanto, ele rejeita o conceitualismo. Nós não damos nomes a ideias abstratas.

O que temos são simplesmente ideias gerais. Assim, as palavras nomeiam grupos inteiros de coisas em geral, em virtude de suas semelhanças, mas sem referência a qualquer conceito universal mantido em abstração na mente.

E certamente sem fazer referência a qualquer universal real. Portanto, ele é explicitamente nominalista. Certo.

Faz sentido? Observe como ele é fiel ao seu método. Comece com a premissa metodológica: explicações de causa e efeito para tudo.

Começemos pelas sensações, que são a causa de tudo o que acontece. Os processos cerebrais, os processos neurais, causam tudo o que daí decorre. E o uso da linguagem, dos sinais, é simplesmente parte dos mecanismos de resposta.

Nos mecanismos de estímulo-resposta, a experiência do mundo produz uma resposta. Respostas verbais. E as respostas sofisticadas que os humanos possuem envolvem a linguagem.

Independente da experiência sensorial. Sim. Se tudo é causa e efeito por meio de processos físicos, então não pode haver ideias que se originem independentemente de processos causais.

A ilustração de... Sim. Sim. Sim.

Não. Não há nada de mágico, creio eu, em usar o exemplo do azul em vez do amarelo, vermelho, preto ou branco. Sim.

Sim. Acho que eles não estavam cientes da questão da pigmentação. Dito isso, pode haver alguma importância no fato de que o principal exemplo usado sempre que falamos de qualidades primárias e secundárias é a cor.

Ou seja, o sentido da visão, o sentido do olhar. Porque é muito mais fácil, quando se fala de visão e percepção de cores, dizer que a cor é subjetiva, considerando a física da visão cromática. Pode ser um pouco mais difícil com o paladar ou o tato.

Sim. Sim. Isso é outra coisa.

Certo, David. Como você diria que é mais... Bem, veja bem, o sêmen da religião é o efeito, o fato de as religiões surgirem de algum tipo de semente é o efeito da noção de uma divindade, alguma ideia de uma causa primeira.

Mas essa sensação de divindade é o próprio resultado da investigação causal, em virtude da qual continuamos perguntando: qual é a causa dessa causa? E a retrocedemos até a origem. Sim, senhor? Então, o que ele está dizendo é que esse tipo de pensamento é tão característico dos seres humanos, eu ia dizer tão inato aos seres humanos, tão característico, que o retrocedemos até a origem, criamos a ideia de Deus, e essa é a causa da sensação de divindade, a causa da religião. Agora, por que seria tão natural para os humanos pensar causalmente? Bem, suspeito que seja simplesmente porque experimentamos processos causais desde o início. Quero dizer, os bebês mais novos logo começam a perceber que certas coisas que fazem produzem respostas.

Sim, senhor? Lembro-me de quando nosso neto tinha uns três meses, eu estava deitada no chão com ele, pairando sobre ele e indo até ele. Ele olhou para mim e fez aquela coisa de estímulo-resposta, causa e efeito. Sabe, eles já têm consciência disso desde o início. Então, nós aprendemos essa coisa de causa e efeito.

Está intrínseco à forma como experienciamos o mundo à nossa volta. Portanto, ele daria uma explicação completamente empirista. Não é preciso uma categoria kantiana de causa e efeito para lidar com isso.

Certo, isso é apenas o básico. Agora vamos ao que ele quer abordar. Veja bem, considerando as motivações dele, ele quer falar sobre o corpo político, sobre ética e política.

Mas ele avança para isso falando da pessoa humana e apresentando essa noção de consciência, porque toda essa questão de sensação, imaginação, raciocínio e uso da linguagem pressupõe a consciência. Independentemente do que se diga sobre o ser humano em uma explicação materialista da natureza humana ou em qualquer outra perspectiva, os seres humanos têm consciência. Qual é a causa da consciência? Essa é a questão.

E ele argumenta que a consciência é simplesmente um subproduto, um epifenômeno. Ou seja, é uma aparência produzida pela existência corporal, adicionada a ela. Sim, a consciência é simplesmente um subproduto dos processos cerebrais, assim como as sensações são subprodutos dos processos cerebrais, e o raciocínio é um subproduto dos processos cerebrais.

Portanto, toda consciência é um subproduto dos processos cerebrais. Mudanças físicas produzem consciência. Às vezes, diretamente, como no caso das sensações.

Às vezes indiretamente, como, por exemplo, quando os processos causais, as mudanças físicas, têm efeitos físicos involuntários, de modo que respiramos automaticamente, e há reflexos físicos que nossos nervos e membros produzem e

dos quais nos tornamos conscientes posteriormente. Entende ? Então, às vezes a causa original produz estados de consciência diretamente. Às vezes, produz estados de consciência indiretamente.

E entre os estados de consciência produzidos estão desejos e aversões. Desejos e aversões. Talvez as ideias de Thomas Hobbes produzam aversão em sua mente.

Talvez seja atração. Entende ? Mas a questão é que as experiências não se limitam a registrar conteúdo cognitivo. Seu efeito fisiológico sobre nós é tal que produz uma reação emocional.

Ele considera o cérebro como a sede da consciência, da sensação e do pensamento, e o coração como a sede da aversão e do desejo, das emoções . E é a partir desses desejos que agimos, de modo que a ação humana não é governada pela razão. A ação humana é governada pela paixão, pelas emoções e pelos desejos.

Ora, isso parece ser uma consequência natural da maneira como ele pensa. E assim, na página 85 , você pode ver como ele enumera todos os tipos de desejos diferentes. E você pode ver que ele tem uma psicologia das emoções muito bem elaborada.

E isso levanta questões sobre liberdade e determinismo. Sobre liberdade e determinismo. E ele fala de liberdade em dois sentidos.

Primeiro, quando estou livre de restrições externas, livre para fazer o que desejo, isso é liberdade. Agora, embora meus desejos causem minhas ações, desejos causam minhas ações, minhas ações são causadas. Mas ele entende liberdade como algo autocausado, uma autodeterminação interior, causada pelos meus próprios desejos, apetites e paixões.

Há um segundo sentido de liberdade que ele explora um pouco quando tomamos uma decisão . Tomar uma decisão . Mas o que significa tomar uma decisão ? Uma escolha.

Liberdade de escolha. O que é isso? Bem, há momentos em que temos desejos conflitantes. O que vou pedir daquele cardápio? O que vou comprar ali no Anderson Commons? Você tem uma escolha a fazer.

E nessa alternância de desejos, você se move primeiro em uma direção, depois na outra, como que oscilando entre as duas. Na consciência, você está deliberando. Bem, eu quero isso porque, mas eu gostaria daquilo porque... a deliberação continua.

E a escolha é simplesmente um desejo que se sobrepõe ao outro. Nessa gangorra emocional , você simplesmente cede a um desejo, e o último desejo é o que vence, e

você diz que escolheu esse. Portanto, a sensação de ser livre para decidir é simplesmente um subproduto da ambiguidade dos seus próprios desejos.

A sensação de não ter causa é causada pela alternância de desejos. Mas você não é livre no sentido de ter ações ou escolhas sem causa. Existe um determinismo interno que permeia todo o seu ser.

Isso às vezes é conhecido como determinismo moderado. Bem, é com base nisso que ele se apresenta como um egoísta psicológico. Um egoísta psicológico é alguém que busca o próprio interesse, e essa é uma generalização empírica. Egoísmo é a visão de que... Egoísmo é sobre buscar o próprio interesse.

Primordialmente, acima de tudo, o que importa é o interesse próprio. O egoísmo psicológico é simplesmente uma afirmação descritiva. É um fato psicológico, de fato.

Diferentemente do egoísmo ético, que diria que deveríamos fazer isso, ele é um egoísta psicológico. Ele não está dizendo que devemos buscar o interesse próprio.

Não. Aliás, mais tarde ele negará isso. Mas ele é um egoísta psicológico.

Buscamos o nosso próprio interesse. São os nossos medos que nos impulsionam. É o desejo de autopreservação que nos move.

Interesse próprio. Aquilo que desejamos, consideramos bom. Aquilo que não gostamos, consideramos ruim.

Embora possamos ter alguns bens em comum, como a sobrevivência, temos muitos bens e males muito diferentes. E, portanto, existe muito relativismo ético entre nós. Mas somos perpetuamente atraídos por um desejo incessante pelo poder que precisamos para sobreviver.

Poder. É. Então a vida se torna uma luta pelo poder, entende?

E nessa luta pelo poder, o que lhe confere o poder ? O que disse Bacon?
Conhecimento é poder. Conhecimento científico é poder. Se você conhece e compreende os processos causais, então você pode sobreviver.

Como? Bem, veja bem, ele faz uma distinção. Ele faz uma distinção entre o estado natural e a lei natural. O estado natural é um estado de conflito, luta pelo poder e guerra contra todos.

A vida é cruel, curta e brutal. Não existe direito natural além do desejo de sobreviver. Não existe lei natural no sentido de Tomás de Aquino, fundamentada em alguma teleologia inata.

Não, este é um universo mecanicista. Processos causais determinam tudo. O que, então, ele quer dizer com lei natural? Ele se refere aos ditames da reta razão.

Já ouviu essa expressão? Guilherme de Acádia, os ditames da reta razão. Em outras palavras, pensamento consequencialista. É mesmo? E você pode pensar de forma consequencialista.

É possível raciocinar corretamente se você compreender os processos causais. Portanto, o conhecimento, neste caso a razão correta, sobre as consequências das ações humanas, é poder. E então, que tipo de leis naturais a razão correta, por prudência e para autopreservação, estabelece? Uma delas é buscar a paz.

Bem, você culpa uma guerra civil, ou a guerra com a Espanha, ou o conflito religioso, ou o fato de ele estar vivendo no exílio. Vamos lá, façam as pazes com Cromwell. Busquem a paz.

Em segundo lugar, mantenha um pacto com os outros. Quando você firmar um acordo, um contrato, cumpra-o. E ele prossegue, portanto, propondo que o que precisamos em um corpo político é de algum pacto que, por uma questão de boa razão, cumpriremos.

Um pacto no qual conferimos autoridade a um governante absoluto. Cromwell era tão governante absoluto quanto Carlos I havia sido. Mas nós conferimos a autoridade, por pacto, se preferir, por contrato, a um governante absoluto, que tem autoridade completa sobre nós, exceto se tentar nos destruir.

Então, o desejo de autopreservação prevalece. Mas, como o contrato visa à autopreservação, o poder absoluto reside no governante e em suas decisões. Assim, em vez do direito divino dos reis, temos uma base contratualista, por assim dizer, uma base de contrato social, para a autoridade política.

E esse governante tem autoridade em assuntos religiosos. Lembra que eu disse que Hobbes era um erastiano? As leis de Deus nos obrigam, sim, em virtude da reta razão, da revelação direta ou da autoridade daqueles que detêm o poder. E é a interpretação do governante que nos diz quais serão os mandamentos de Deus, quais são eles.

A interpretação oficial do governante resolverá as disputas religiosas. E assim, ele chegou à conclusão que buscava estabelecer. Sim, senhor? Precisamos de uma maneira de sobreviver em meio ao conflito político.

Precisamos de uma maneira de sobreviver em meio ao conflito religioso. Superar o sectarismo. O espírito partidário.

E é aqui que a razão, considerando as consequências, nos leva. Bem, eu gostaria que tivéssemos dez minutos para discutir isso. Intrigante? Sim, extremamente influente.

Visão pessimista. Algumas pessoas supõem que seja porque ele foi criado sob a doutrina calvinista da depravação total. Eu acho que é porque ele foi criado em tempos de conflito.